

Resenha de livros

Francisco Carlos Teixeira da SILVA, Ricardo Pereira CABRAL e Sidnei J. MUNHOZ.

Impérios na história

Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2009.

“Impérios na História”, livro que se apresenta nas suas 458 páginas como um vasto e seletivo sumário de capítulos organizado por Teixeira da Silva, Cabral & Munhoz, é em verdade um esforço substantivo de pesquisas e debates acadêmicos originados em alguns dos mais importantes centros de pesquisa do Brasil. Sua prerrogativa global sobre os dados, a existência e a persistência dos Impérios e Imperialismos enquanto fenômenos históricos por natureza – e, portanto, existentes desde o mais longínquo ponto dos percursos civilizacionais mais diversos – é de que estão embebidos por questões políticas, culturais, econômicas, militares e jurídicas nos termos de uma ‘longa duração’ temporal, negando quaisquer imobilismos na análise histórica.

Ainda assim, o tempo presente e as implicações hodiernas do fenômeno são colocados devidamente em questão, atualizando a prerrogativa de que toda história é contemporânea por excelência. Outrossim, como um dos autores ressalta, o livro surge na medida em que o longo século XX – paráfrase do recém-falecido G. Arrighi – começa a terminar juntamente com a Guerra Fria (1945-1991), atualizando e remontando com maestria

uma discussão ampla e rica, sem nenhuma pretensão de universalidade; senão, engajada na compreensão desse tempo presente que vivemos, tão internacionalizado e cada vez mais globalizado. Invariavelmente, a atual pertinência do debate sobre o Império e os Imperialismos se dão na presença outrora aparentemente superimperial dos Estados Unidos da América neste pós-Guerra Fria, um período de incertezas que cambaleou na navalha da insegurança e da ingenuidade precária até a crise econômica de 2008, quando vislumbrou-se de forma mais clara o fim da hiper-hegemonia solitária estadunidense. A China e a União Européia, juntamente aos ‘países emergentes’, retomaram a validade dos foros multilaterais de solução de controvérsia diante da impossibilidade prática da dominação unilateral brevemente desejada e acionada pela república imperial norte-americana.

Ao largo dos 37 capítulos, discute-se desde a antiguidade dos impérios – Grécia, Roma, Mongólia, Otomano, Inca e Maia, Egípcio – e a sua natureza como pontos de partida para um amplo debate sobre os critérios de formação, consolidação, hegemonia, queda e superação das lógicas de

dominação presentes nas suas trajetórias históricas. Da mesma forma, a modernidade dos impérios europeus, japonês e soviético no emergir da era moderna e contemporânea, culminando no explosivo elenco de impérios e formas imperiais dispostas no tempo presente, são casos e fenômenos estressados em discussões profundas, arregimentadas por professores e pesquisadores de alto nível nas suas áreas de conhecimento e ofício.

Não obstante, os esforços dos autores também se inclinam sobre as questões e 'ameaças' do século XXI, como questões climáticas, ambientais, energéticas e sociais expressas pelas atomizadas e solitárias multidões do novo mundo contemporâneo. Os impactos para o Brasil também são destacados com precisão na introdução e no encerramento deste longo trabalho, ressaltando que estamos defronte a condição nacional inteiramente inédita, de promoção e internacionalização do país nas dimensões políticas, culturais, econômicas e tecnológicas. Sem importância menor, os debates altermundialistas ("por um outro mundo possível") que desembocaram na nova condição regional autônoma da América Latina em relação ao seu xerife habitual, os EUA, também estão diretamente relacionados ao Brasil na medida em que o processo de integração sul-americana e caribenha é produto de uma tomada de consciência sobre a condição regional na desmentida 'nova ordem mundial'.

É importante dizer também que a construção deste trabalho de inequívoca acuidade (é possível que se discorde, concorde ou ainda omita-se, mas não negar a existência dos impérios na história) situa-se em passos mais largos que as pedestres discussões sobre o fenômeno do imperialismo, discutido largamente nas teorias históricas marxistas entranhadas pelos determinantes econômicos, como em Lênin, Luxembourg, e Bukharin, cuja importância para uma abordagem rigorosa sobre o fenômeno imperial na era moderna é incontornável. Mas há de se avançar mais na totalidade dos processos, e as outras abordagens válidas estão dispostas e mencionadas gradativa ou exaustivamente em "Impérios na História".

Por muito tempo, os impérios foram discutidos a guisa de contestação marginal às lógicas de dominação nascidas no século XIX e vorazmente desencapadas no século XX. Mas, a rigor, aqui estão sendo levados em consideração elementos culturais, tecnológicos, sociais, militares, e em essência políticos, na medida em que o transbordar do poder de uma determinada nação ou Estado sobre outros povos, etnias, Estados ou regiões – ou até mesmo o globo terrestre, em uma dimensão imaterial globalizatória – é caracterizado peremptoriamente como um processo multifacetado e desapegado de vieses de observância que se mostrem excludentes. Nesse sentido preciso, retoma-se a validade

heurística de outras matrizes importantes, desde os clássicos John Hobson (*Imperialism: a Study*, 1902) e Joseph Schumpeter (*Imperialismo e Classes Sociais*, 1961), até as mais recentes e inovadoras abordagens de Niall Ferguson (*Empire*, 2003) e Parag Mehta (*O Segundo Mundo*, 2008), de forma diluída e completa. Ainda serão lembrados com relevância os trabalhos de Raymond Aron, as diversas obras de Eric Hobsbawm e as contribuições substantivas de Jean-Baptiste Duroselle, Paul Kennedy e outros importantes autores.

Configura-se, na confluência dos olhares plurais, coletivos e, por exce-

lência, globais, uma abordagem rigorosa e eclética, cuja excelência está ao nível da análise e leitura críticas. Indubitavelmente, a leitura perpassa pelo cotidiano de todos nós, desde estudantes a leitores comuns, em cada uma das existências sociais e políticas perfuradas pelas trajetórias de dominação imperial na contemporaneidade. É inevitável e imprescindível que nos aprofundemos na pertinência heurística, na persistência conceitual e na validade atual da questão imperialista e imperial na história.

Daniel Santiago Chaves
Universidade Estadual do Rio de Janeiro